

VOZES/EXPERIÊNCIAS NEGRAS EM POEMAS DE CARLA LIMA E CRISTINA CARLOS

AMANDA REGINA DOS SANTOS LOURENÇO*
HENRIQUE MARQUES SAMYN**

RESUMO

O artigo apresenta apontamentos acerca de dois poemas originalmente publicados na antologia *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal* (2017). Assinados por Carla Lima (“Neste mundo, que é só meu”) e Cristina Carlos (“Outra educação”), os poemas são lidos como registros literários de experiências de corpos racializados como negros na sociedade portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia negra. Poesia portuguesa. Carla Lima. Cristina Carlos.

A literatura contemporânea produzida no âmbito ocidental é inevitavelmente atravessada por vestígios dos processos de colonização e de racismo, mesmo quando se trata de autoras e autores não brancos. O panorama literário de Portugal não constitui uma exceção, sobretudo quando se trata de obras de autoria negra; cabe ainda considerar que, diferentemente de outros contextos – como o brasileiro, por exemplo, no qual há algum reconhecimento das produções culturais e literárias da população negra, em que pese o racismo que perpassa, inclusive, os espaços acadêmicos –, a sociedade portuguesa ainda apresenta uma grande resistência ao reconhecimento da presença negra em seu território.

* Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: amandareginadosslourenco@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4763-3246>

** Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: marquessamyn@gmail.com Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-2624-3487>

Registros da presença negra na Península Ibérica remontam ao período medieval – se consideramos, por exemplo, referências constantes de algumas cantigas trovadorescas¹ – e ao século XV, como mão de obra escravizada. A escassez de registros históricos oficiais se deve a um processo de apagamento, visto que a sistemática supressão da presença negra dos registros históricos tinha como finalidade manter o território português branco, demográfica e culturalmente (HENRIQUES, 2017). Importa notar, também, o silenciamento da presença negra em Portugal no âmbito salazarista, que demandava a supressão de quaisquer registros e pesquisas que representassem uma contraposição à “vocação lusotropicalista”, a fim de preservar as bases ideológicas do colonialismo (HENRIQUES, 1997, p. 29).

Por outro lado, cabe ressaltar que esse apagamento ainda se faz presente na contemporaneidade. Atesta-o, por exemplo, o veto à inclusão de aspectos relacionados a identidade étnico-raciais no Censo demográfico de 2021², o que prejudica a elaboração e a implementação de políticas e o reconhecimento social. Pode-se também mencionar o estudo realizado em 2018 pela Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), que apaga a presença negra:

O documento aborda questões como territorialização de autores, evolução do número de autores, idade, sexo, estado civil, escolaridade, formação, profissão, nacionalidade, naturalidade, residência, contexto de produção e redes de socialização.

Com relação à análise dos dados e categorias recolhidas, chama a atenção o fato de o pesquisador deixar registrado seu pesar frente à sub-representatividade da autoria feminina. No entanto, não há nenhuma menção à origem étnico-racial dos autores levantados; não há sequer uma nota explicativa do porquê de tal ausência. (SARTES-CHI, 2019, p. 289)

¹ Veja-se, p. ex., a notória cantiga de Lopo Lias (B 1342, V 949), bem como a hipótese de que algumas cantigas satíricas aludam a mulheres negras (SAMYN, 2020a; SAMYN, 2020b).

² A decisão de fazê-lo remonta a 2019. Em 2021, o Instituto Nacional de Estatística (INE) manteve o veto à inclusão de perguntas étnico-raciais, mas optou por fazer um inquérito direcionado a essas questões.

Não se deve ignorar o fato de que esses processos institucionais são utilizados para manter e legitimar a exclusão racial, constituindo uma das tantas formas de violência experienciadas pelos corpos negros no território português. Nesse cenário, é inevitável que, na tão ampla e diversificada produção literária de autoria negra, o racismo seja um tema central.

Nesse sentido, a antologia *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal* (2017) é um importante registro literário acerca das possibilidades de existência em um contexto no qual a ferida do colonialismo continua aberta, doendo sempre, sangrando e se infectando às vezes (KILOMBA, 2019). A referida publicação resultou de um projeto da associação cultural Afrolis, criada em 2014 pela jornalista angolana Carla Fernandes, a partir de suas vivências como mulher negra em Lisboa; e reúne poemas de outras pessoas negras residentes em Portugal: além de Carla, participam da obra Apolo de Carvalho, Carla Lima, Carlos Graça, Cristina Carlos, Danilson Pires, Dário Sambo, LuZgomes e Té Abipiquerst Té. Entre março de 2016 e março de 2017, essas pessoas negras se reuniram no espaço do Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa para debater sobre poesia africana e escrever poemas, que posteriormente eram apresentados em diversos cafés, bares e restaurantes da cidade. Assim nasceu o livro, intitulado *Djidiu* – termo de origem guineense que nomeia os contadores de histórias que registram e propagam a memória coletiva, equivalentes aos *djelis* e aos *griots*. Desse modo, os poemas do livro constituem traduções literárias de vivências e experiências de subjetividades negras que, mobilizando diversos recursos estéticos, recorrendo a plurais registros e a um amplo repertório imagético, evidenciam a multiplicidade de discursos líricos construídos por vozes negras na contemporaneidade.

Neste artigo, apresentamos algumas considerações sobre os poemas “Neste mundo, que é só meu”, de Carla Lima; e “Outra educação”, de Cristina Carlos, que consideramos representativos de uma poética que escancara a problemática racial em Portugal, nas vozes de subjetividades negras. Embora as vozes líricas pareçam retratar experiências específicas

de corpos negros frente ao racismo, a leitura desses textos evidencia uma dimensão que transcende a subjetividade do eu lírico, sobretudo considerando-se a recepção por uma subjetividade negra, que pode viabilizar possibilidades interpretativas particulares.

O título do poema “Neste mundo, que é só meu”, de Carla Lima, demanda comentários. Referindo-se ao substantivo “mundo”, as palavras “neste” e “meu” sugerem uma relação de posse entre o eu lírico e o mundo no qual se inscreve. Contudo, uma primeira leitura evidenciará que não se trata de uma relação positiva; nesse sentido, é mais pertinente falar em termos de uma ambiguidade alusiva a um não pertencimento.

Transcrevemos os versos que abrem a composição:

Neste mundo, que é só meu, negras desfrisam o cabelo, porque é normal... Porque, assim, é normal

Neste mundo, que é só meu, andar de tranças, de rasta, é coisa de gente suja, a não ser que sejas um branco confuso.

[...]

(LIMA, 2017, p. 22)

O uso como aposto da expressão “que é só meu”, em construções anafóricas, resguarda o alcance coletivo dos versos, o que tem o efeito irônico de sugerir que as experiências racistas possam ser apenas individuais – quanto se trata, na verdade, de um componente estrutural da sociedade portuguesa. Vale destacar, ainda, o recurso do verso longo como maneira de propiciar a construção de um registro próximo ao coloquial, enfatizado pela pontuação empregada.

Também nesses versos iniciais, a alusão ao cabelo resgata um ícone identitário, enquanto expressão e suporte simbólico da identidade negra – para remeter às ponderações de Gomes (2019) a respeito da sociedade brasileira, extensíveis a Portugal e a todos os contextos sociais em que o racismo produz a estigmatização de aspectos fenotípicos. Por um lado, ao mencionar a normalização do desfrisamento capilar, o eu lírico ressalta a imposição, às mulheres negras, de uma adequação aos parâmetros estéticos brancos; por outro lado, ao referir a “sujidade” de formas de tratamento

dos cabelos tipicamente negras, a não ser quando se trata de um “branco confuso”, o eu lírico ironicamente remete a processos de apropriação deliberada que evidenciam os privilégios estéticos da branquitude. Em outras palavras: a estética capilar crespa é intolerável, para a branquitude, apenas no que diz respeito ao corpo negro.

A esse propósito, pode-se evocar o trecho do poema que incorpora falas – marcadas pelo uso do itálico – características da percepção branca sobre formas de tratamento do cabelo tipicamente negras:

– *Agora podes usar afro! Tá na moda!*
– *Mas não aquele muito palha de aço!*
– *Aii aiii desfrisa, é melhor.*
[...]
– *Podes usar turbante e esses padrões exóticos!*
(LIMA, 2017, p. 22-23)

O entendimento da estigmatização da estética capilar negra como uma forma de produção da diferença pode ser compreendido a partir das observações de Kilomba (2019), para quem a classificação “cabelo ruim” está relacionada à sua representação como símbolo de “‘primitividade’, desordem, inferioridade e não-civilização” (p. 127). Essa produção da diferença é indissociável da construção de fantasias brancas sobre os corpos negros. Isso transparece nos versos de “Outra educação”, de Cristina Carlos:

Em sociologia percebi que sou sempre um objeto de estudo;
Quando sou mãe adolescente;
Quando sou delinquente; imigrante de quinta geração/cidadão de segunda...
[...]
A psicologia não me dá um diagnóstico... Porque minha alma não sofre
Aliás, só ontem recebi uma alma... De que me posso queixar?
A quem me posso queixar?
Se não sou caso de estudo, não existo!
Volto para recreio a brincar ao que não quero – Não conto!

Não quero ser o macaco Adriano, pai!
Porque não posso ser princesa, mãe?
Não liguês filha! Estuda! Quando fores doutora ninguém goza contigo!
Fala Portuguêsês filha! Nem os angolanos da banda falam kimbundo.
Professor, ele chamou-me nomes! Por que te cansas Maria?
Pra empregada doméstica não precisas de mais....
Foste tu que escreveste isto?! – Preto não escreve assim! Prova que
não copiaste! Prova que consegues!
(CARLOS, 2017, p. 83)

As variações métricas possibilitam a incorporação de múltiplas vozes ao texto poético, de modo a constituir uma tensão dialógica – salientada pela copiosa presença de exclamações –, pontuada por uma sucessão de questionamentos retóricos. O que disso resulta é uma subjetividade lírica forçada a reconhecer o (não)lugar que ocupa no âmbito social. Para além disso, os versos transcritos ressaltam o fato de que as “fantasias brancas” ultrapassam o âmbito das relações interpessoais cotidianas, avançando também para a esfera institucional – algo já anteriormente referido, a respeito do Censo demográfico de 2021. Desse modo, a relegação de corpos negros à condição de objetos de estudo concorre para a manutenção de dispositivos de exclusão, para o epistemicídio e para a construção de estereótipos.

Ainda no que diz respeito à construção da diferença, ressalta Grada Kilomba que isso ocorre a partir do poder de um grupo que se define como norma em relação aos demais grupos, que são colocados como diferentes. Por conseguinte, “a branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “Outras/os” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação” (KILOMBA, 2019, p. 75). Assim se estabelece a clivagem entre o eu lírico (negra) e subjetividade leitora (branca), perceptível no modo de enunciação da voz poética, em ambos os poemas:

Pois, sim, tenho muita revolta dentro de mim,
Como poderia eu não tê-la?

Cedo me ensinaste que eu sou pessoa de segunda.
Não respiro como tu,
Não sangro como tu,
Não sou pessoa como tu.
Sou de segunda.
Devo aceitar o meu lugar e servir-te assim.
(LIMA, 2017, p. 23)

E Eu/ TU sempre a sorrir!
E Eu/TU sem me queixar porque afinal de contas...
Em Portugal não há e nunca houve racismo.
E o que dizer se aprendi tão bem o “S” do silêncio...
(CARLOS, 2017, p. 84)

Ao assumirem a posição da alteridade – textualmente evidentes na oposição entre o “eu” e o “tu”, que operam como bases para construções paralelísticas –, enquanto expressões de subjetividades politicamente e socialmente oprimidas, as configurações da subjetividade lírica nas composições de Carla Lima e de Cristina Carlos ocupam posições de confronto, o que lhes permite enfrentar as estruturas dominantes. No que tange ao ordenamento social racista, esse conflito possibilita um solapamento das dinâmicas hierarquizantes – na leitura de Grada Kilomba, articulados através de valores hierárquicos que têm por base o “estigma” a “desonra” e a “inferioridade”, implicando um processo de naturalização a partir do qual todos os membros de um determinado grupo “chegam a ser vistas/os como ‘a/o problemática/o’, ‘a/o difícil’, ‘a/o perigosa/o’, ‘a/o preguiçosa/o’, ‘a/o exótica/o’, ‘a/o colorida/o’ e ‘a/o incomum’” (KILOMBA, 2019, p. 75-76).

Em “Neste mundo, que é só meu”, a incorporação dos falares racistas explicita esse modo de violentamento do corpo negro, indiciando de que modo essas agressões simbólicas fomentam a violência física:

“Neste meu mundo, negros são caçados nos bairros, porque de certeza que são bandidos...
– *Quer dizer, nós damos-lhes casas e eles só nos roubam!*”

– *Trabalhar que é bom, nada! Malandros!*

– *Eles merecem!*

(LIMA, 2017, p. 22)

Observe-se, por outro lado, que essas opressões são legitimadas pelo tratamento de corpos negros como “objetos de estudo”, como evidenciado por versos já transcritos do poema de Cristina Carlos, nos quais o corpo é reduzido à condição de “delinquente” ou “cidadão de segunda” – o que instaura a privação dos direitos e da dignidade concedidos aos cidadãos “legítimos”.

O processo de hierarquização subjacente a esse ordenamento das relações de poder é também determinante para a delimitação dos âmbitos de expressão e de construção da subjetividade. Vejam-se estes versos do poema de Carla Lima:

Neste mundo, só meu,

A minha liberdade de repassar a verdade é condicionada,

Porque tu achas que não é bem assim,

Que sou radical, que sou irracional,

Que tenho muita raiva dentro de mim,

Que tenho muita revolta dentro de mim.

– *COMO TE ATREVES?!!*

(LIMA, 2017, p. 23)

A referência aos condicionamentos que restringem a manifestação da verdade pessoal alude às pretensões totalizantes subjacentes à designação de discursos pretensamente objetivos – o que resulta, entretanto, de uma convergência de fatores a que não são estranhas implicações decorrentes de posicionamentos específicos em termos sociopolíticos, inclusive abarcando questões associadas à raça e ao gênero. Desse modo, qualquer verdade defendida pelo eu lírico é falaciosamente desqualificada a partir de estereótipos que associam o corpo negro à raiva e à irracionalidade. A mais óbvia consequência disso é a imposição de um silenciamento. Isso pode ocorrer de modo mais abrupto, como interdição

dialógica, como transparente no poema de Carla Lima – cabendo destacar, em termos estéticos, os efeitos decorrentes das construções anafóricas que evidenciam a circularidade da recepção social; ou de modo mais sistemático e institucionalizado, como evidenciam os versos do poema de Cristina Carlos que remetem a formas de constrangimento e de silenciamento no espaço escolar:

A escola também me ensinou a ler “B” “A” “BA”, de branco, é que é bom
“P” de pretuguês é que é mau
Em história aprendi a ter vergonha dos meus
Que me venderam por espelhos e bujigangas
No mapa mundo da minha Geografia
Aprendi Portugal, as Europas e as Américas
Passei a correr pela Ásia e o Médio Oriente
E no final do ano nunca havia tempo para África
Aquele grande pedaço de terra sem lei
Cujo capital é a corrupção, rica em doenças raras e guerras tribais
E que tem como principal matéria de exportação: escravos!
[...]
E o que dizer se aprendi tão bem o “S” do silêncio...
(CARLOS, 2017, 82-84)

A conjugação de lugares-comuns constitutivos dos discursos que tangenciam a conceituação da África como a “figura viva da dissemelhança”, para recorrer ao termo de Mbembe (2014, p. 93), é o que possibilita a incorporação ao texto poético de representações próprias dos discursos afropessimistas – o que concorre para a menorização de subjetividades e corpos lidos como africanos no espaço social, em decorrência de sua associação ao “incivilizado”, ao “selvagem” ou ao “barbárico”; destarte, a necessidade de que renunciem a quaisquer traços identitários, sobretudo perante eventuais possibilidades salvíficas:

[...] Temos que falar português e esquecer
essas origens que só nos diminuem, que nos lembram de onde so-
mos ÁFRICAA; selvagens; esfomeados.

(Coitadinhos, ainda bem que fomos lá salvá-los não é? Se não ainda estavam a morrer de febrinhas aos 20 anos...)
(LIMA, 2017, p. 22)

Os versos finais dos poemas de Carla Lima e Cristina Carlos dialogam entre si em virtude do uso da ironia, que pode ser lida como uma crítica social em dois aspectos: no verso “Em Portugal não há e nunca houve racismo” (CARLOS, 2017, p. 84), o eu lírico – ainda que não haja nenhum tipo de marcação gráfica indicativa de um discurso terceiro – reproduz o discurso de um país que não admite as reminiscências do seu passado colonial, fato apontado por Henriques ao afirmar que, em Portugal, pouco se reflete acerca dos papéis e responsabilidades dos portugueses enquanto colonizadores e agentes do desequilíbrio racial entre negros e brancos nesse processo (HENRIQUES, 2017, p. 12). Por outro lado, nos versos “Ainda bem que este mundo é só meu,/ Que esta sistematicamente repetida pressão é só minha, que esta prisão é só minha./ Ainda bem que este delírio é só meu, não é?” (LIMA, ANO, p. 23), a sequência de afirmações destaca, ironicamente, que toda a experiência descrita pela voz lírica não é particular, mas coletiva, dialogando com o verso de Carlos exposto no começo deste parágrafo. A utilização do recurso fático no fim do poema de Lima convida a subjetividade leitora responder a esse questionamento, para o qual só há uma resposta possível: é inviável continuar ignorando o racismo e tratando-o como algo pontual na vivência de corpos negros. As vozes e experiências insurgentes constantes na antologia *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal* (2017) reforçam essa inviabilidade, principalmente nos poemas selecionados para esta análise, que traçam, mesmo que de forma sintética, um panorama acerca da condição negra portuguesa.

Por fim, no que tange à formulação de algumas conclusões possíveis, cabe considerar que, embora os poemas aqui comentados abordem experiências e vivências de subjetividades e corpos negros desde a perspectiva da violência cotidiana, historicamente determinada, sua materialização em texto é um ato fundamentalmente político – uma

vez que, por meio da escrita, o corpo negro deixa de ser mero objeto menorizado e reduzido a estereótipos para ocupar a posição de sujeito enunciativo da própria mensagem. Noutras palavras, a escrita permite que essas vozes líricas estejam na “oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, 2019, p. 28). E isso também constitui um modo de “revelação individual” (LORDE, 2019, p. 53) num contexto que apenas compreende a negritude enquanto coletivo uniforme, desconsiderando nossas particularidades. Lorde (2019) é enfática ao afirmar a necessidade de transformação das vivências e, sobretudo, do silêncio em ação e linguagem – apesar do receio de possíveis julgamentos e retaliações –, visto que somente assim é possível sobreviver, participando da vida a partir de um olhar criativo e contínuo que conduz ao crescimento. Assim podem ser lidos os poemas de Carla Lima e de Cristina Carlos: que, resistindo a quaisquer tentativas de silenciamento, utilizam a potência da linguagem poética como um ato de resistência.

BLACK VOICES IN POEMS BY CARLA LIMA AND CRISTINA CARLOS

ABSTRACT

The article presents some comments on two poems of the anthology *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal* (2017). Written by Carla Lima (“Neste mundo, que é só meu”) and Cristina Carlos (“Outra educação”), the poems are taken as literary records of the experiences of Black racialized bodies in Portuguese society.

KEYWORDS: Black poetry. Portuguese poetry. Carla Lima. Cristina Carlos.

VOCES/EXPERIENCIAS NEGRAS EN POEMAS DE CARLA LIMA Y CRISTINA CARLOS

RESUMEN

El artículo presenta apuntes acerca de dos poemas originalmente publicados en la antología *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal* (2017). Firmados por Carla Lima (“Neste mundo,

que é só meu”) y Cristina Carlos (“Outra educação”), los poemas son leídos como registros literarios de experiencias de cuerpos racializados como negros em la sociedad portuguesa.

PALABRAS CLAVE: Poesía negra. Poesía portuguesa. Carla Lima. Cristina Carlos.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Cristina. Outra educação. In: *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal*. Lisboa: Vadaescrevi, 2017.

FERNANDES, C. et al. *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal*. Lisboa: Vadaescrevi, 2017.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2019.

HENRIQUES, Isabel Castro. *Percursos da modernidade em Angola: dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Instituto de Cooperação Portuguesa, 1997.

HENRIQUES, Joana Gorjão. *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Carla. Neste mundo, que é só meu. In: *Djidiu – a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal*. Lisboa: Vadaescrevi, 2017.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

SAMYN, Henrique Marques. Feminilidades desviantes na lírica trovadoresca galego-portuguesa: acerca de três cantigas sobre soldadeiras. *Signum*, v. 20, p. 22-43, 2020a.

SAMYN, Henrique Marques. Sobre a “negrura” de Maria Negra: apontamentos sobre três cantigas satíricas de Pero Garcia Buralês. *Abriu: Estudos de Textualidade do Brasil, Galicia e Portugal*, v. 9, p. 125-142, 2020b.

SARTESCHI, Rosângela. Literatura contemporânea de autoria negra em Portugal: impasses e tensões. *Revista Via Atlântica*, v. 1, n. 36, p. 283-304, 2019.

Submetido em 27 de maio de 2022

Aceito em 29 de julho de 2022

Publicado em 25 de setembro de 2022
